

# Tese de concurso à cadeira de Alemão da Escola Militar da Capital Federal

Manuel Said Ali Ida

## Teoria lógica e gramatical da preposição

Esta primeira parte da minha tarefa poderá em mais de um ponto discordar de doutrinas tradicionais, as quais, embora tenham sido bem desenvolvidas, tiveram por base princípios que à luz das investigações mais recentes me parecem muito contestáveis. Princípios gramaticais há que até não podem resistir a uma ligeira crítica, se considerarmos por exemplo que a própria divisão tradicional das partes do discurso é assaz defeituosa, como brilhantemente o demonstram filólogos da estatura do germanista Hermann Paul.

Um ponto que, antes de tudo, careço de assentar é que é falsa a noção que a palavra *preposição* nos sugere, pois dessa noção parecem derivar as doutrinas que se me figuram errôneas com respeito ao assunto de minha dissertação e que têm sido espalhadas por vários compêndios.

De fato, o termo *praepositio* dos latinos, *prothesis* dos gregos, não exprime com exatidão, como parece indicar, a colocação da preposição em relação à palavra regida nas línguas clássicas e, ainda menos, em algumas das línguas modernas, como o alemão e o inglês. Seria, por exemplo, erro em latim antepor *cum* aos pronomes *me, te, se, nobis, vobis*; e construções como

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.1341>

\*Texto integral transcrito, com atualização ortográfica, de Said Ali Ida, Manuel. **These de concurso á cadeira de alemão da Escola Militar da Capital Federal**. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil (Antiga Typographia Laemmert), jan. 1893.

*ii, quos inter erat*, ou ainda *negotium, quo de agitur* não são das mais raras. *Versus e tenus* são por via de regra pospositivas.

Em grego, se é verdade que a preposição costuma colocar-se antes do caso, não é menos certo que esta regra falha muito em Homero, e que a construção usual da preposição *ἔνεκα*, quer em poesia quer em prosa, é depois da palavra regida, como neste exemplo: *τῆς ἰγυείας ἔνεκα χρώ μεδα τό Ιατρό*, por causa da saúde precisamos nós do médico. Há uma língua clássica onde casos semelhantes aos que acabamos de ver já não têm o caráter de exceção: é o sânscrito. Assim é que Delbrück nas suas *Investigações Sintáticas* crê poder afirmar que nessa língua *as verdadeiras preposições vêm regularmente depois do caso*.

Se das línguas antigas passarmos para as modernas, notaremos que a anteposição se verifica muito regularmente nas línguas românicas; porém, outro tanto não se pode dizer das línguas teutônicas. O inglês, por exemplo, não só pospõe a preposição à palavra regida, mas até a arreda, para o fim da frase, Palavras compostas como *wherein, hereby, therefore* podem servir de exemplo para o primeiro caso, e para o segundo as muito usuais frases: *the house I live in, the man you were speaking to*. Mas não é só em orações secundárias que essa construção se emprega. Exemplos de colocação de preposição no fim das orações principais se encontram nos melhores escritores ingleses. Assim lemos: *Irrationals all sorrow are beneath* (Young), *Washes of all kinds I had a natural antipathy to* (Goldsmith), *This rich fair town we make him lord of* (Shakespeare). Exemplos estes em que a palavra regida ocupa um extremo e a preposição o outro.

No alemão moderno é igualmente correto dizer-se: *meines Vaters wegen* como *wegen meines Vaters*; *meiner Meinung nach* como *nach meiner Meinung*. Ainda mais: as preposições *halber, entgegen, zuwider, gegenüber* são essencialmente pospositivas; como nestes exemplos: *Alters halber, mir entgegen, das ist mir zuwider*.

Os gramáticos que se preocupam com definir bem as partes do discurso não deveriam, pois, considerar como caráter das preposições a sua

colocação, mas sim o fato de se construírem com os casos, cujas relações, vagamente expressas pelos sufixos, elas tomaram a missão de especializar.

Eu não procuro dar uma boa definição, porque entendo que, não se podendo dizer onde uma função gramatical acaba e a outra começa, nenhuma definição gramatical está isenta de objeções.

A definição de Latham, por exemplo, - a preposição é uma palavra que se combina unicamente com os nomes e pronomes—é rejeitada por Bain, que a substitui pela seguinte: uma palavra que se prefixa a um nome ou pronome (ou equivalente) para fazer uma frase qualificativa ou adverbial. Mas a definição do professor de lógica de Aberdeen peca igualmente, porque a preposição nem sempre se prefixa.

Os casos pedidos em alemão pelas preposições são o genitivo, o dativo e o acusativo.

Com o genitivo se empregam as seguintes: *halb, halben ou halber, ausserhalb, innerhalb, oberhalb, unterhalb, kraft, laut, mittelst, (mittels) ou vermitteltst, diesseit, jenseit, statt ou anstatt, ungeachtet, unweit ou unfern, vermöge, während, wegen, um---willen, längs, entlang, trotz, zufolge*. sendo que as quatro últimas também se empregam com o dativo.

Pedem o dativo: *aus, ausser, bei, binnen, entgegen, gegenüber, gemäss, mit, nach; nächst, zunächst, nebst, samt, seit, von, zu, zuwider* e as antiquadas *inner, ob, ober*.

Pedem o acusativo: *durch, für, gegen (gen), ohne, sonder, um, wider*, e também *bis*, quando empregado como preposição.

Pedem ora o dativo, ora o acusativo, conforme se trata de lugar onde ou lugar para onde, as seguintes preposições: *an, auf, hinter, in, neben, über, unter, vor* e *zwischen*. *In e vor*, tratando-se de tempo, pedem só dativo.

Para estabelecer a teoria das preposições não é de interesse capital o estudá-las uma por uma debaixo do ponto de vista histórico. Referir, por exemplo, que a preposição *zu* teve no antigo alemão as formas *zi, za, zwo, ze* e que *auf* era *ûf* nada adianta, como d'aqui a pouco se verá, sobre a teoria da preposição, que constitui o assunto d'este trabalho. Além d'isso, a

honestidade manda que não faça praça de conhecimentos, para cuja exibição bastaria copiar o que se encontra em qualquer gramática didática um tanto desenvolvida como a de Heyse ou a de Becker.

O que aqui importa é fazer o estudo por grupos, e assim é que sem discordar na essência dos gramáticos alemães eu divido as preposições em *antigas e modernas*. Coincidem estas duas classes mais ou menos com a divisão geralmente aceita em *próprias e impróprias*.

Não se pode traçar, rigorosamente uma linha de separação entre as duas classes, porque estando, a meu ver, a linguagem em atividade constante, em continuo desenvolvimento, é natural que em todos os períodos d'esse desenvolvimento novas preposições se criassem. Dou, porém, o nome de preposições antigas a todas aquelas cuja origem apesar das investigações dos glotólogos, continua ainda a ser obscura.

É errônea ou pelo menos metafísica a teoria dos que pensam que as preposições antigas são provenientes de raízes pronominais. Como se demonstra essa origem, e que valor tem hoje perante a ciência a doutrina das chamadas raízes pronominais? Com referência às tais raízes Gabelentz na sua genial obra *Die Sprachwissenschaft, ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse*, publicada em 1891 em Leipzig, exprime-se assim: “muitos dos pontos mais importantes da etimologia indo-germânica são contestáveis, e opiniões que antigamente se aceitavam de boa-fé, são hoje em dia postas em dúvida. N'esse número está a divisão das raízes em pronominais ou formais e verbais ou materiais (*stoffliche*). Se essa distinção tivesse realmente existido primitivamente, então eu lembraria que o Romano, por exemplo, não sentiu nem *trans* como verbal, nem tão pouco *in, ob, ex* como pronominais, mas todas estas palavras igualmente como preposições, e o espanhol sente o seu *Usted=vuestra merced* tal qual o francês o seu *vous*.

O que porém não repugna acreditar é que as preposições de origem obscura se formassem da mesma maneira que se formaram as preposições cuja origem nos é fácil descobrir. Esta é a única explicação plausível das preposições antigas.

Examinemos, pois, as preposições modernas, e a teoria a que nos levarem os resultados da nossa tarefa devemos acreditar que se possa estender às preposições antigas, desde que não se prove o contrário.

Um simples lance d'olhos sobre uma lista de preposições modernas dá-nos este primeiro resultado: elas provieram de palavras declináveis compreendidas em algum dos seguintes grupos:

1) substantivos em genitivo como *mittels, längs, angesichts, hinsichts, behufs, betreffs* etc.

2) substantivos sem vestígio de genitivo e provavelmente em outros casos, como: *kraft; laut, statt, wegen, um - willen, vermöge, dank* etc.

3) adjetivos e participios, como: *ungeachtet, während, nach, neben, seit, unweit, unfern* etc.

Em resumo, poderíamos dizer que as preposições foram primitivamente casos e como não se pode imaginar uma preposição sem um genitivo, dativo ou acusativo (em alemão), conclui-se que elas eram casos acompanhando e particularizando outros casos.

Mas que papel representavam originariamente os casos oblíquos na oração? Até onde chega a análise, pode-se dizer que construíam-se com o verbo e lhe serviam de objeto direto ou indireto. Pelas suas desinências exprimiam as relações de lugar onde, lugar d'onde e lugar para onde; mas pouco a pouco sendo empregados para exprimir outras relações também, foram perdendo de sua precisão.

Ora, desde que os casos oblíquos, além do desempenharem a função de objeto, exprimem também relações de lugar ou outras circunstancias, eles trazem em si o gérmen do advérbio. Isto explica a razão pela qual as antigas gramáticas portuguesas, querendo distinguir advérbio e complemento circunstancial, só conseguiam estabelecer maior confusão. Perante a lógica é tão adverbial a frase *n'este dia* como a palavra *hoje*.

Resulta d'aí que os casos podiam ter, ao lado da função de objeto, a de advérbio, e toda vez que esta segunda função se desenvolvia em prejuízo da primeira, a ponto de fixar-se uma construção nova e obliterar-se a significação

primitiva, operava-se uma diferenciação, e o caso - nome, pronome ou adjetivo na sua origem - tornava-se um perfeito advérbio<sup>1</sup>. Os vestígios de casos ainda se notam nos advérbios latinos *statim*, *gradatim*, *modo*, *profecto* e inúmeros outros.

Isto posto, nós devemos retificar a conclusão a que havíamos chegado em relação à origem das preposições e exprimir-nos assim: elas originam-se indiretamente dos casos, mas diretamente dos advérbios e locuções adverbiais.

É esta a doutrina hoje corrente, e confirmada por Delbrück em relação ao sânscrito. De fato, o autor das *Investigações Sintáticas* diz que n'essa língua “se demonstra perfeitamente que o caso se construía a princípio com o verbo, ao qual verbo se ligava intimamente a chamada preposição, e só mais tarde e gradativamente é que se desenvolveu uma relação mais estreita entre o caso e a preposição.

A palavra que tem afinidade pelo verbo não se deve chamar preposição, mas sim advérbio, e é só quando essa união começa a afrouxar-se, sendo o advérbio atraído pelo caso, que esse advérbio diferenciado merece o nome de preposição. E' em virtude d'essa atração que em português a palavra *durante*, embora proveniente em última análise de um particípio, já não se pode considerar senão como preposição. No estado atual da nossa língua não se pode imaginar o vocábulo *durante* sem ser acompanhado de um nome ou pronome.

Quando se toma por base de classificação a função, deve-se considerar sempre a função atual, e muitas vezes sucede ter a mesma palavra mais de uma função. Assim *for* em inglês pode ser preposição, advérbio e até conjunção. Em alemão a maior parte das preposições antigas conservaram ainda a função adverbial.

---

1 [Nota do editor] No original está “e o caso, nome pronome ou adjetivo na sua origem, tornava-se um perfeito advérbio”. Optamos por esta pontuação para maior clareza do texto.

Esta última parte do meu estudo poderia ser desenvolvida, porém n'este caso eu teria de tratar não já da teoria da preposição, mas da teoria do advérbio e dos prefixos. Talvez fosse preciso tratar também da conjunção e das partículas em geral.

Harto se poderia estender quem sobre a matéria quisesse escrever um livro; mas nos modestos limites d'esta tese não tem cabida o assunto, que demais a mais é estranho ao ponto.

## Língua e literatura alemãs de 1500 a 1785

No século da reforma o centro de todo o movimento intelectual da Alemanha foi o vulto imponente de Lutero. De 1517 a 1530 na literatura alemã domina exclusivamente a reforma, e é tanto só na segunda metade do século que se observam algumas manifestações artísticas.

O grande reformador tem o incontestável mérito de haver criado a atual língua escrita alemã, o novo alto alemão, com a tradução e vulgarização da Bíblia. Havendo uma infinidade de dialetos e querendo Lutero que a sua obra fosse acessível a toda a nação, preferiu empregar uma linguagem de chancelaria. São estas as suas próprias palavras: “Eu não emprego para o alemão uma língua determinada, especial e particular, mas sirvo-me da língua alemã comum, para que me possam compreender tanto os povos da região alta como os da região baixa (beide Ober- und Niederländer); eu falo segundo a *chancelaria saxônia*, a qual seguem todos os príncipes e **reis** da Alemanha. Todas as cidades imperiais e cortes de príncipes escrevem segundo a chancelaria do nosso príncipe saxônio; é portanto esta a língua alemã mais comum”.

Mas Lutero não se limitou a servir-se dessa linguagem; deu-lhe ainda a vida e a energia de que ela precisava para tornar-se um bem comum de inapreciável valor para a nação que mais tarde se podia ufanar de um Goethe, cujas obras hoje todo alemão lê, porque estão escritas na língua de todos.

Dentre os escritores que viveram no século XVI destacam-se ainda Hans Sachs e Johann Fischart, os quais ao mesmo tempo foram estrênuos defensores das doutrinas de Lutero. O primeiro, de índole sempre jovial e filho do povo, foi mestre cantor, precursor ou talvez fundador do drama mundano alemão e distinguiu-se notavelmente no conto popular em forma poética. O segundo com as suas produções literárias enriqueceu maravilhosamente a língua escrita, criando uma infinidade de vocábulos.

Satírico notável, dotado de um espírito robustíssimo, Fischart aliava à sua grande probidade e firmeza de caráter, conhecimentos vastíssimos para aquela época. Conhecia bem os clássicos, a literatura francesa, assim como a velha literatura pátria, e estava bem ao par de todas as manifestações da vida alemã, do que dão sobeja prova as suas numerosas obras. Distingue-se entre estas a sua colossal - *Affentheuerliche und ungeheuerliche Geschichtschrift von Leben, Rathen und Thaten der vor langen weilen vollenwolbeschreiten Helden und Herren Grandgusier, Gargantoa und Pantagrue* - publicada pela primeira vez em 1575. É um poço inesgotável de palavras novas, pela primeira vez empregadas por Fischart, e no seu gênero obra única na literatura alemã. Tal é a riqueza de termos novos, que a leitura desse livro chega a tornar-se difícil. O autor combate aí o idealismo exagerado e o romantismo aristocrático, opondo-lhes a naturalidade e o bom senso, a singeleza e até a rudeza plebeias, e ao mesmo tempo torna-se paladino do progresso intelectual.

Ao século de Lutero, tão promissor de novos horizontes, segue-se infelizmente um período de profundo abatimento e de lutas. Com a guerra dos trinta anos o nível moral e intelectual desce ao ponto mais baixo a que jamais desceu nos anais da história. A nação perde a consciência de si e o povo se embrutece. Estes acontecimentos produziram naturalmente a decadência profunda da literatura. No começo do século XVII aparecem apenas as chamadas *sociedades de linguagem*, que só serviram para manifestar a superficialidade e o pedantismo dos eruditos e dos nobres, membros delas. A primeira, fundada em 1617 no castelo Hornstein, com o título de *Sociedade Frutífera* (ordem da Palmeira), limitava-se a purificar a linguagem, mas

nem isso conseguiu. Tão infrutíferas, ou mais ainda, foram a *Sociedade do Pinheiro*, a *Ordem do Cisne do Elba* e outras.

A melhor delas foi talvez a *Ordem das Flores*, que procurava imitar a literatura italiana.

Não devemos, entretanto, deixar no olvido o nome do silesiano Martin Opitz. Não que as suas poesias tivessem grande merecimento, pois faltava-lhe imaginação, vigor e sentimento poético; mas a literatura deve-lhe ter criado a forma artística que com tanta perfeição foi mais tarde empregada por Klopstock no seu *Messias*.

Com a sua falsa orientação de que “toda poesia deve ser útil e instruir”, Opitz tornou-se o pai de uma escola erudita—a primeira escola silesiana. Não me permite o espaço narrar os meios pouco decentes de que ele se utilizou para alcançar a fama.

O seu contemporâneo Paul Fleming, conquanto tivesse mais inspiração, não foi tão festejado e morreu quase esquecido. À medida que ia desaparecendo o verdadeiro sentimento poético, firmava-se como princípio a poesia erudita, e esta manifesta-se em todo o seu esplendor, se assim se pode dizer, nos poetas da segunda escola silesiana. É Hoffmann von Hoffmannswaldau quem, procurando imitar a linguagem alambicada, mas por vezes agradável, de Marini, só consegue transplantar para a literatura alemã a retórica oca do marinismo. Um outro escritor, Lohenstein, leva esta tendência ao último grau. A sua linguagem bombástica tornou-se simplesmente proverbial na Alemanha. E como se não bastasse o seu estilo culto, adicionou-lhe uma boa dose de descrições imorais e estercoreosas, que estão a pedir meças ao moderno naturalismo.

Enfim, a poesia, manuseada pelos eruditos: e pelos lisonjeiros espertos, tinha-se convertido em instrumento com que se alcançavam renome e posição.

Foi o século XVIII, o século de Frederico, o Grande, a época a que estava fadado dissipar pouco a pouco as trevas em que jaziam a nação e a literatura alemãs. Entre os precursores da nova era cintilam com raro esplendor

Haller e Hagedorn. O primeiro, um dos maiores doutos de todos os tempos, distingue-se não só como escritor científico sobre medicina e botânica, mas também como poeta, romancista e historiador, e escreve um poema didático (*Os Alpes*), onde se encontram belíssimas descrições da natureza alpina, que revelam uma alma de poeta cheia de inspiração.

Hagedorn, de índole boa e jovial, tomando por modelo sobretudo os escritores franceses elegantes, publica pequenas poesias, fábulas e contos, e introduz na literatura alemã a graça e a delicadeza de sentimento.

Mas não se mudam em um momento tradições desenvolvidas e transmitidas de uma geração a outra durante o período de um século. É por isso que Gottsched (1705—1766), contemporâneo e quase coetâneo daqueles dous escritores (Haller e Hagedorn nasceram ambos em 1708), consegue ainda tornar-se ditador do bom gosto, até que uma tempestade formidável o derruba do seu elevado posto. Este movimento revolucionário partiu de Zurich e teve Bodmer e Breitinger por autores.

Não é, porém, aos suíços que cabe a imorredoura glória de haver lançado as bases da literatura clássica. Bodmer, como Gottsched, era falto de inspiração, e só podia ser um reformador teórico. As regras que pretendia estabelecer eram, como as do ditador de Leipzig, preconcebidas. Foi um espirito irrequieto como o de Lessing (1729-1781), que não podia filiar-se a escola alguma e que, buscando unicamente a verdade, reuniu um tesouro opulentíssimo de conhecimentos, quem conseguiu enfim acender o facho luminoso que alumiou a senda por onde deviam trilhar os jovens talentos. Lessing foi crítico notabilíssimo, mas ao mesmo tempo precedeu a literatura moderna com o verdadeiro exemplo, escrevendo a comédia *Minna von Barnhelm*, a tragédia *Emilia Galotti* e outras obras que só por si bastariam para imortalizá-lo.

Por esta época, tão fecundada pelas novas luzes, aparece um poema verdadeiramente genial. É o *Messias* de Klopstock (1724-1803).

Contrastando singularmente com a religiosidade e o estilo sublime do autor do *Messias*, Wieland (1733-1813), poeta epurista, mas nem por isso

menos notável, traduz as obras de Shakespeare, e entre outras muitas joias lega à sua nação o lindíssimo poema *Oberon*, publicado pela primeira vez em 1780.

Seguindo a orientação de Lessing e aliando às novas ideias desse espírito livre e consciencioso em crítica os resultados a que chegara Hamann, o mago do Norte, Herder por sua vez alargou grandemente os horizontes da literatura,

Hamann admitia que o poeta já nascia poeta, e que só se devia considerar verdadeira poesia aquilo que vem como que inconscientemente de uma natureza poética inata, assim como as palavras do profeta partem do vidente inspirado por Deus.

Esta teoria deu um novo aspecto ao movimento revolucionário. Começou-se a desprezar ou, antes, a atacar todas as leis tradicionais e todas as regras de estética, dirigindo-se a atenção para a poesia primitiva, a canção popular, para Homero, Ossian e Shakespeare. “Procurou-se no próprio domínio da poesia e da arte aquele dom que não construía obras penosas seguindo preceitos e regras, mas que de uma assentada evocava criações que em si próprias traziam as próprias leis. Esse dom chamava-se *gênio*; a sua criação devia, como ele, ser natural e *original*. *Genialidade e originalidade* eram a senha da época; e ao passo que anteriormente se cerceava o livre voo do espírito e da imaginação pelos estreitos limites da convenção e só se considerava como poesia o que girava dentro das formas e das leis tradicionais, passou-se nesse período do *assalto* e do *ataque* para o extremo oposto, encontrando-se prazer<sup>2</sup> no que não obedecia a regra alguma e dando-se importância ao desprezo da moral convencional e contando-se muitas vezes as excrescências de uma imaginação desregrada como produtos do gênio”.

Nessa quadra de fermentação naufragaram vários talentos, porém os mais robustos saíram vitoriosos, chegando à meta desejada.

---

2 [Nota do editor] No original, “encontrando se prazer”, por erro óbvio.

A primeira fase de Schiller, em que ele escreve os *Salteadores* (1781), o *Fiesco* (1783) e *Cabala e Amor* (1784), dá bem ideia daquele movimento.

São também do período do assalto e do ataque o *Gæts* (1773) e o *Werther* (1774) de Gæthe.

## Proposições

### Português

Analogias e diferenças entre as línguas portuguesa e alemã

#### I

Os prefixos dos verbos compostos em português não se podem separar e arredar para o fim da oração como sucede em alemão com os **prefixos** dos verbos separáveis.

#### II

Tanto em português como em alemão forma-se a voz passiva analiticamente: **em português com o auxiliar *ser***, em alemão **com o auxiliar *werden* (tornar-se)**.

#### III

O alemão conhece mais modos de exprimir o sujeito indeterminado do que o português.

#### IV

A forma de polidez para a pessoa com quem se fala pede em português o verbo na terceira pessoa do singular, em alemão usa-se a terceira pessoa do plural.

V

Colocar o adjetivo atributivo antes do substantivo é usual em alemão e ocasional em português.

VI

O adjetivo predicativo n'uma d'essas línguas é indeclinável, e na outra concorda com o sujeito.

VII

A vogal de uma sílaba acentuada alemã pode ser breve ou longa independentemente da consoante seguinte. Outro tanto não se pode dizer da vogal da sílaba acentuada de qualquer palavra portuguesa.

VIII

Com respeito às formas sintéticas, o português é paupérrimo ao lado da declinação alemã; por outro lado, porém, na conjugação de um verbo teutônico encontram-se muito menos formas do que na de um verbo português.

IX

A língua portuguesa não conhece o *Umlaut*, tão frequente em alemão, nem o *Ablaut* dos verbos fortes.

X

Com o tesouro da língua viva o alemão pode formar palavras novas, mesmo para a linguagem científica. O português recorre para o mesmo fim a duas línguas mortas: o latim e o grego.

## Francês

Sintaxe comparada das orações francesa e alemã

I

A oração principal na forma afirmativa tem construção tradicional semelhante nas línguas francesa e alemã, desde que o verbo esteja em tempo simples e não haja advérbio no princípio.

## II

Na mesma oração, se o tempo for composto, o francês tem o verbo principal junto ao auxiliar, ao passo que o alemão coloca o particípio ou o infinito no fim da oração.

## III

O advérbio no princípio da oração principal não influi na construção francesa, mas em alemão requer a chamada construção inversa.

## IV

O mesmo sucede se a oração principal for precedida de uma oração adverbial (ou substantiva) a ela subordinada.

## V

Para a oração subordinada alemã emprega-se, com poucas exceções, a chamada construção transposta, enquanto que em francês a construção dessa oração não difere da oração principal.

## VI

Orações interrogativas com o pronome pleonástico como *le livre est-il bon?* não são usuais em alemão.

## VII

Em francês o particípio passado conjugado com *être* e, em certas condições, com *avoir* varia de em gênero e número; em alemão nos mesmos casos ele conserva-se invariável.

## VIII

O gerúndio francês admite a preposição *en*, mas o gerúndio alemão não admite preposição alguma.

## IX

Em alemão só o adjetivo atributivo se declina; em francês tanto o atributivo como o predicativo são variáveis em gênero e número.

## X

A negação francesa *ne-pas* não tem a mobilidade da negação alemã *nicht*, com que se obtêm vários matizes de pensamento.

## Inglês

Em que consiste a incontestável riqueza e a inegável pobreza da língua inglesa

### I

A língua inglesa é muito pobre em formas sintéticas, mas esta pobreza é compensada pelas formas analíticas.

### II

A falta quase completa de desinências pessoais torna a língua inglesa mais lógica e mais prática do que aquelas que, tendo essas desinências, não dispensam os pronomes sujeitos.

### III

O fato de serem as vogais acentuadas ora breves ora longas (cientificamente falando), por si só basta para tornar o vocalismo inglês muito mais rico do que o vocalismo português.

### IV

Os sons *l*, *r*, *n* encontram-se constantemente de funcionando não só como consoantes, mas ainda como soantes.

### V

O presente e o pretérito enfático obtém-se simplesmente com um auxiliar.

### VI

Opulentíssimo é o vocabulário inglês, cujas fontes principais são o francês-normando e o anglo-saxão.

### VII

Este vocabulário goza de grande vitalidade e embora muitas vezes as duas fontes forneçam ao mesmo tempo duas palavras para a mesma ideia, como *freedom e liberty*, não se pode dizer que uma delas seja pouco usada.

### VIII

Comparada com o alemão e o grego, a língua inglesa é pobre em partículas de realce.

### IX

A forma progressiva é uma riqueza no inglês, que não se encontra em muitas outras línguas, nem mesmo no alemão.

### X

A verdadeira terminação do participípio presente, que era *end*, desapareceu, e foi substituída por *ing*, um sufixo que servia para formar substantivos.